

Para Mauro Aguiar, diretor-presidente do Colégio Bandeirantes, a educação infantil pública também é um desafio

# Foco no ensino básico

**A**tenção ao ensino básico, valorização da carreira de professor e, principalmente, investimento público no atendimento a crianças de zero a quatro anos. São estes os desafios para a educação no país segundo Mauro Aguiar, diretor-presidente do Colégio Bandeirantes e membro do Conselho Estadual de Educação de São Paulo.

"O maior desafio é continuarmos progredindo no ensino básico. São Paulo está muito avançado em relação ao resto do país, temos obtidos resultados muito bons nas provas nacionais de avaliação, mas há muito a melhorar ainda, principalmente na capital", afirma.

Com o processo de municipalização do ensino de SP há municípios, evidentemente mais ricos, que conseguiram níveis adequados de qualidade de educação. "A situação mais dramática está na região metropolitana de SP na região de Campinas, Osasco, Guarulhos, grandes municípios que acabam, ainda, tendo sérios problemas de qualidade. Precisamos aumentar o salário inicial do professor - é um desafio da sociedade brasileira - porque é preciso atrair jovens talentosos para carreira docente. Sou completamente a favor da política que está sendo implantada no Estado, de avaliação do profissional e dos bônus, é preciso premiar quem trabalha direito, é essencial, não se pode tratar as pessoas de forma igual, há níveis diferentes de envolvimento, de empenho, de comprometimento. Há profissionais de educação extraordinariamente envolvidos e comprometidos, e outros não, daí o índice absurdo de faltas. Mesmo com as medidas adotadas inicialmente no governo Alckmin, depois mais fortemente no governo Serra, que acabaram produzindo uma enorme redução de faltas, mesmo assim ainda há índices inaceitáveis.

Sem professor, não se pode sequer falar em qualidade, diz Aguiar. E a política de bônus e a avaliação anual do professor são adotadas no mundo todo, em torno de outras profissões.

"Esta experiência universal, e também usada no

Brasil, nas empresas privadas, deve-se trazer para o setor público, não só educação, mas na saúde, em todo o serviço público. Ao lado disso, o salário inicial deve ser bem mais elevado para atrair pessoas talentosas e que irão com amor seguir a carreira de professor. E também deve haver um plano de atualização do salário pela inflação, independentemente do desempenho. Depois, se o profissional quiser crescer na carreira, será avaliado, mas não por tempo de serviço, pois isso não funciona em nenhuma profissão."

Sobre a progressão continuada, Aguiar acentua que é utilizada em vários países como Japão, Finlândia, França, Inglaterra: "É incrível que tenha se transformado em um tema tão polêmico na campanha eleitoral pelo PT. Porque o sistema foi adotado, basicamente, e corretamente, pelo PT, em Porto Alegre, e na gestão Erundina, com Paulo Freire, em São Paulo. A gestão Marta Suplicy não mexeu nele. O PT tem bons méritos de ter implantado o sistema".

- mesmo se aprendeu menos - do que estar fora dela. É melhor alguma escola que nenhuma escola. Mas isso não significa que não há avaliação, diz.

"O sistema evita que o aluno fique marcando passo, isso gera desmotivação e abandono da escola. A família tem necessidade de a criança avançar, senão quer que trabalhe, etc. Deve continuar a ser aperfeiçoado, melhorar o sistema de avaliação."

Mas, de acordo com o diretor-presidente do Colégio Bandeirantes, há uma questão para a qual não se dá

"Na década de 1960, havia enorme diferença qualitativa entre Brasil e Argentina. Hoje, estamos praticamente juntos ao Chile e ao Uruguai, países com educação pública incrivelmente superior à nossa"

a devida atenção, e a neurociência veio comprovar sua fundamental importância: o setor público começa a trabalhar a criança a partir dos quatro anos, com pouca atenção para a faixa de zero a quatro anos.

Segundo Aguiar, "a neurociência esclarece que o potencial intelectual dessa criança é fundamentalmente estabelecido entre zero e seis anos, especialmente até quatro anos. É necessário um enorme esforço para trabalhar na área de creche: como estimular essas crianças, como alimentá-las adequadamente. Fora o fato do saneamento básico, que tem efeito brutal na educação. Na criança de zero a dois anos, dizem os neurocientistas, há um processo chamado cascata de neurônios. É intensíssima, e vai gerar uma base neural. Cerca de 80% da energia da criança é direcionada a gerar esses neurônios. Mas, se ela apresentar uma infecção, essa energia será desviada para combatê-la, o que reduz a cascata de neurônios, reduz a base neural, que se estabiliza aos seis anos. Se não se construiu uma boa base neural, pode esquecer. Então temos o professor desesperado porque não consegue ensinar, o aluno que repete e culpa a escola e o professor. Isso não é verdade. A escola pode melhorar muito, mas há essas questões. Um professor sozinho não faz milagres".

Não é preciso tornar o processo inviável com custos elevadíssimos, assegura. O profissional de creche não precisa ser professor, nem mesmo ter ensino superior. "Ele precisa ser capacitado, e isso pode ser feito de maneira até barata. É uma área descoberta, uns acham que seria da alçada da área social, outros da saúde. A educação não se preocupa, mas a bomba vai cair em cima da Educação depois", alerta.

O filósofo alemão Teodor Adorno diz que um dos objetivos da educação é se opor à barbárie. Aspectos violentos da escola estão presentes cotidianamente na mídia. Aguiar, entretanto, destaca que as boas experiências de educação, que se registram em todo o

país, não são notícia. "A mídia é muito pautada por esses problemas, mas não vai querer o que se faz na prefeitura de Jundiá, por exemplo, um processo maravilhoso de educação infantil, nível de país desenvolvido. Em São Caetano do Sul idem."

Ele também ressalta que o hábito de leitura tem melhorado. "Hoje, é quase um programa visitar as grandes livrarias, as feiras de livros que se espalham pelo país."

Mauro Aguiar é otimista. Nascido na década de 1950, considera que o Brasil hoje avançou muito em relação à época de sua infância e adolescência. "O país começou muito atrás em educação, mas tem andado rápido. Na década de 1960, havia enorme diferença qualitativa entre Brasil e Argentina. Hoje, estamos praticamente juntos também ao Chile e ao Uruguai, que seriam países com educação pública incrivelmente superior à nossa. E isso num país continental, com quase 200 milhões de habitantes".

Divulgação/Colégio Bandeirantes



▲ "Hoje, é quase um programa visitar as grandes livrarias, as feiras de livros que se espalham pelo país", afirma Mauro Aguiar